

“Meu Catecismo”: cultura católica e modernidade na produção de livros didáticos para a educação da infância brasileira

Evelyn de Almeida Orlando*

Resumo

Este artigo analisa o projeto pedagógico de escolarização da catequese do Monsenhor Álvaro Negromonte com base em uma série de manuais de catecismo produzida pelo autor para o ensino primário entre os anos 1940 e 1960. Seu projeto abarcava uma mudança de cunho didático-pedagógico no conteúdo apresentado, mas também uma mudança editorial, buscando transformá-los em livros didáticos interessantes para os alunos. Esses livros serviram para dar uma virada no ensino religioso, desprestigiado entre os alunos, e pôs em circulação novas representações pedagógicas acerca da Igreja, que, sem perder as suas finalidades, atualizou e reconfigurou seus discursos, muitas vezes, como uma estratégia para se manter nos debates da vida moderna. Dessa forma, a cultura católica foi se fazendo presente na História da Educação ao mesmo tempo em que ao se apropriar das contribuições das ciências educacionais modernas ia reconfigurando as práticas educativas católicas.

Palavra-chave: História da Educação; pedagogia católica, escola nova, manuais de catecismo.

"My Catechism": catholic culture and modernity in textbooks production for brazilian childhood education

Abstract

This article examines Monsignor Alvaro Negromonte's pedagogical project of schooling the catechesis from a series of catechism manuals, produced by the author for primary education, between 1940 and 1960. His project involved a change of didactical/pedagogical nature in the content presented, but also an editorial change, seeking to turn them into interesting textbooks for students. These books worked a shift in religious education, discredited among students, and put into circulation new pedagogical representations about Catholic Church which, without losing its purposes, updated and reconfigured its speeches, often as a strategy to stay in the debates of modern life. Thus, the Catholic culture became present in the History of Education at the same time that, by appropriating the contributions of modern educational sciences, reconfigured the modern Catholic educational practices.

Key-words: History of Education; catholic teaching; new school; catechism books

Introdução

Os quatro livros da série “Meu Catecismo” foram publicados pelo Monsenhor Álvaro Negromonte¹ em 1942 e fazem parte da sua coleção de quatorze catecismos didáticos endereçados à escola, destinados a todas as séries, do primário ao Curso Normal². A publicação desses manuais em forma de coleção, tendo como principais destinatários os alunos das escolas confessionais católicas e também os das escolas públicas, deve ser entendida como uma estratégia de escolarização da sociedade, que buscava associar instrução e doutrinação religiosa nas suas práticas educativas. Nesse projeto, a civilização dos costumes empreendida pela escola corroborava o projeto salvífico, e ambos eram pensados de forma interdependente, configurando o conceito de educação integral na perspectiva católica, que contempla a educação da mente (por meio do desenvolvimento cognitivo), do corpo (por meio do cultivo de corpos castos e saudáveis) e do espírito (por meio da educação moral). Esse tripé ajudaria a formar o homem cristão,

encaminhando-o na direção da salvação da sua alma, verdadeira finalidade da educação para a Igreja e um dos principais pontos de discordância que acirrou a disputa nos anos 1930 em torno do campo educacional, estabelecendo em posições opostas, “católicos e liberais”.

O tema da educação religiosa sensibilizou, significativamente, os educadores católicos pela forte mobilização criada em torno da discussão acerca do ensino religioso nas escolas públicas, de onde foi retirado com a instauração do Estado Republicano. O movimento em prol da laicização do ensino não foi aceito pelos católicos que, apesar de terem aceitado o novo regime, consideravam essa medida absolutamente incompatível com um país de maioria católica³. O grupo que defendia o laicismo na educação e o grupo católico se colocaram em polos antagônicos no movimento que se instaurou em prol da educação nacional. O termo “educadores católicos” é utilizado neste trabalho na perspectiva proposta por Magaldi ao analisar esses posicionamentos. Segundo a autora,

* Endereço eletrônico: evelynorlando@gmail.com

ao nos utilizarmos do termo ‘educadores católicos’, estamos considerando, não a fé religiosa- de natureza individual – do intelectual em questão, mas sua adesão a um projeto de educação inserido no movimento mais amplo de renovação católica. Tal projeto educacional possuía como núcleo a temática da orientação religiosa, considerando-a em clara articulação com a visão do papel essencial da família na formação do indivíduo e de seu lugar inviolável na definição do modelo a ser seguido na educação dos filhos (MAGALDI, 2006, p. 102).

O objetivo deste artigo é compreender o projeto pedagógico do Monsenhor Álvaro Negromonte como parte de um movimento de renovação catequética que se alastrou pelo mundo no século XX, que incidia diretamente em uma mudança nas práticas educativas católicas, a partir da análise de parte da sua coleção de catecismos, especificamente, os catecismos primários, atentando para a mudança de cunho didático no conteúdo e na mudança editorial proposta por seu autor.

O movimento de recristianização sociedade pela escolarização da catequese que tomou corpo no Brasil no final dos anos de 1920 estava ligado a mudanças que a Igreja Católica vinha empreendendo no âmbito internacional. Em 1905, com a Encíclica *Divini Illius Magistri*, única dedicada à catequese, o Papa Pio X reconheceu o primado da catequese na missão da Igreja e uma onda de ações foi desenvolvida nesse sentido. Em 1912, foi publicado o *Catecismo da doutrina cristã*, um texto que buscava condensar as verdades da fé em um texto único de catecismo, uma exigência desde o Concílio de Trento, que não se chegou a se concretizar totalmente⁴; Em 1923, foi criado o Conselho Catequético central com a missão de promover e coordenar ações catequéticas em todo o mundo; em 1929, foi instituída a disciplina Catequética nos cursos teológicos e, dois anos depois, também nas faculdades de teologia; Em 1935, foi decretada a instituição do Conselho Catequético em todas as dioceses (BOLLIN & GASPARIN, 1998).

Nessa direção, uma série de reuniões catequísticas foram promovidas, inovando os debates com semanas e dias de atualização que eram destinadas não só aos sacerdotes, mas também à formação de catequistas leigos para serem enviados às áreas com pouco clero. Esses encontros propiciaram um avanço nos debates

sobre a catequese e estimularam a reflexão sobre antigos e novos problemas do ensino de catecismo, envolvendo um número cada vez maior de leigos nos projetos da Ação Católica, ampliando o leque das discussões educacionais que, em vários países como a França, Bélgica, Alemanha, Portugal, Itália, dentre outros, passaram a apresentar um diálogo maior com a esfera científica (BOLLIN & GASPARIN, 1998).

Foi na efervescência desse movimento que, no Brasil, a partir dos anos 1930, o padre Álvaro Negromonte empreendeu um projeto de renovação da pedagogia católica que abrangia várias ações encadeadas⁵, dentre as quais, a reformulação nos textos de catecismo, adaptando-os para a escola, em estreita relação com as contribuições oriundas das Ciências da Educação. Certamente, ele não foi o único, no Brasil, a empreender projetos nessa direção. Em diferentes estados, educadores católicos vinham manifestando a necessidade de se reformular o ensino religioso, formar novos professores dentro das novas concepções pedagógicas modernas e produzindo ações nessa direção⁶. O discurso psicopedagógico que se instalou nesse campo levou a Igreja a rever sua concepção de criança e o método utilizado para a instrução e transmissão da fé. Alguns catequistas, influenciados pelas ciências da educação e pelo movimento escolanovista, modificaram sua práxis pedagógica e criaram novos métodos, incorporando, sobretudo, as suas contribuições de caráter técnico-didático.

O trabalho de Negromonte ganha relevo nesse contexto porque suas ações foram calcadas em duas importantes estratégias que o conduziram a essa posição de destaque nesse movimento: concomitantemente, ele conquistou uma importante rede de sociabilidade que contribuiu para propagar de forma vigorosa as suas ideias em diferentes espaços da sociedade e desenvolveu um projeto pedagógico vasto, sistematizado e com um alto grau de coesão. Seus livros foram publicados de forma sequencial e articulados a um projeto de formação de professores, veiculado na imprensa periódica educacional católica do Estado de Minas e, posteriormente, convertidos em uma coleção de livros didáticos, que abrangia da 1ª série primária ao Curso Normal. A esses, posteriormente, foi acrescentado um conjunto de livros destinados à educação das famílias, dando a ver uma proposta de colaboração entre família e escola em seu projeto pedagógico.

Ancorado nas discussões travadas com os escolanovistas mineiros, o trabalho do padre Negromonte está articulado em larga medida aos usos que os católicos fizeram do impresso nas

suas estratégias de conformação do campo doutrinário da pedagogia, como assinala Carvalho (1994). Ao utilizar o livro como um dos principais instrumentos de difusão da sua proposta pedagógica, o autor revela a compreensão que vinha sendo dada a esse tipo de objeto acerca da cultura material escolar.

Um novo texto de catecismo para o ensino primário

“Tudo estava a pedir um texto nosso...” (Negromonte, 1942a). Como uma das principais estratégias de ação nessa direção, Negromonte propôs uma reformulação nos textos de catecismo em um duplo aspecto: material e textual. O novo significado da catequese compreendia uma formação voltada para a vida religiosa na prática. Deveria se ensinar a doutrina sem perder de vista o aspecto formativo da educação religiosa, mas de forma atraente, interessante para os alunos e, conseqüentemente, eficaz para o objetivo ao qual se propunha. Os antigos manuais não atendiam a essas expectativas.

Os novos textos, se quiserem realmente servir à finalidade do catecismo, que é formar o cristão prático, devem ter uma feição inteiramente diversa da atual. Sei que diante de um catecismo novo, todos sentiremos uma impressão estranha. Temos na mente aquelas perguntas, aquelas expressões que decoramos em criança e ensinamos mil vezes aos pequenos; acostumamo-nos aquela ordem de matéria; afizemo-nos até o tipo de livro dos nossos catecismos [...] Mude-se aquilo e nós estranharemos [...] Mas é preciso mudar! (NEGROMONTE, 1942a, p.75).

Legitimado por importantes figuras do catolicismo, ao falar na *Revista Eclesiástica Brasileira* sobre essa necessidade de um texto novo de catecismo, Negromonte já o preparava em quatro volumes, sob o estímulo de amigos como D. Hélder Câmara que não hesitava em referenciar suas obras como modelos de programas escolares a serem adotados. O padre Hélder Câmara chamava a atenção do corpo de agentes eclesiais para as realizações do padre Álvaro Negromonte:

sentindo, por experiência própria, a falta que fazem livros adaptados ao meio brasileiro, não se contentou em dizer como esses livros deveriam ser escritos. Deu-nos

os livros de que precisávamos. Ofereceu-nos o mestre brasileiro um manual para o curso de admissão e uma coleção completa para o curso secundário. No momento, ele prepara uma coleção também, completa, para o curso primário (CÂMARA, 1941, p.401).

Assim, os novos textos publicados por Negromonte foram produzidos como livros didáticos. Tal conceito, segundo Munakata, permite ampliar o leque de possibilidades do autor em relação aos usos do texto. Pare ele,

livro didático é para usar: ser carregado à escola; ser aberto; ser rabiscado; ser dobrado, ser lido em voz alta em alguns trechos e em outros em silêncio; ser copiado; ser transportado de volta à casa; ser aberto denovo; ser ‘estudado’ [...] Objeto para ser usado, livro didático implica não uma relação direta e imediata do aluno e do professor com o conteúdo, esse mundo platônico de formas inteligíveis, mas antes atividades, práticas e de fazeres, numa situação efetiva de ensino e aprendizagem (1997, p. 204).

E foi nessa perspectiva que ele produziu a série *Meu Catecismo*. Na abertura dos quatro livros, destinados ao primário ele apresenta uma *Nota ao aluno*, onde explica qual a relação que ele deve ter com o livro. No volume destinado ao 2º ano é possível depreender como a sua forma de se dirigir ao aluno é permeada de sentidos, revelando ainda seu conhecimento e apropriação das contribuições da Psicologia Infantil.

Criança!

Este catecismo é seu. Foi para você que eu o escrevi. Veja o nome dele: “MEU CATECISMO”. Leia-o com cuidado, estude nele com gosto. Pegue seus lápis de cores para colorir as figuras, mas tudo de uma vez, não. É para ir colorindo só a lição do dia. Complete as lições escrevendo o que falta. Faça os desenhos. O livro vai ficar todo estragado. Não faz mal. No fim do ano dê a mamãe para guardar: será uma ótima lembrança quando você for grande. E, para o ano você terá outro catecismo. Seja sempre bonzinho, queira bem ao Menino Jesus e reze por mim (NEGROMONTE, 1942, p. 9).

A postura incentivada pelo autor de interação com o objeto material tinha um sentido de propiciar uma relação de aproximação e intimidade com o texto que deveria ser estendida ao próprio processo de ensino-aprendizagem. Da mesma forma que o aluno deveria se sentir à vontade para interagir com o livro, dobrando, pintando, manuseando suas páginas, fazendo anotações, ainda que salvaguardando alguns cuidados que refletiam hábitos de moderação como não pintar o livro todo de uma só vez, ele deveria se sentir à vontade para interagir também em suas aulas, com a professora, perguntando, participando, se expressando, como forma de facilitar a aprendizagem dos saberes considerados elementares para a sua fé.

Os livros de catecismo do padre Álvaro Negromonte se configuravam como “uma tentativa de condensar e simplificar num espaço mínimo e portátil o que se teria necessidade de conhecer e utilizar na atividade escolar”. Evidentemente,

Isso implica uma série de critérios já apontados: conteúdo adequado ao currículo, legibilidade e inteligibilidade apropriados ao público-alvo, subdivisão da obra em partes, como texto propriamente dito, boxes, resumos, glossário, bibliografia, atividades e exercícios, etc, segundo, uma estrutura de organização adequada à aprendizagem; e, sobretudo, subordinação do estilo do texto e da arte gráfica a esse objetivo de servir de instrumento auxiliar de ensino-aprendizagem” (MOREIRA LEITE apud MUNAKATA, 1997, p.101).

Nesse sentido, conforme Darnton (1990) é importante a dupla estratégia, que combina a análise textual à pesquisa empírica para destrinchar uma fonte tão elucidativa. A materialidade evidencia a história dessa produção e fornece elementos que iluminam as sombras desses livros que foram estabelecidos como monumento na memória coletiva daqueles que com ele interagiram. Segundo Chartier,

mais do que nunca, historiadores de obras literárias e historiadores das práticas e partilhas culturais têm consciência dos efeitos produzidos pelas formas materiais. No caso do livro, elas constituem uma ordem singular, totalmente distinta de outros registros de transmissão tanto de obras canônicas

quanto de textos vulgares. Daí, então, a atenção dispensada, mesmo que discreta, aos dispositivos técnicos, visuais e físicos que organizam a leitura dos escritos quando se torna um livro (1994, p. 8).

O suporte material de um texto o carrega de significação para o leitor. As distintas formas materiais estão diretamente ligadas às práticas de leitura, à produção de sentidos. No mundo do texto, é preciso se atentar para o que Chartier chama de “formas e sentidos”, que vai da produção material até a apropriação da mensagem pelo leitor.

O livro sempre visou instaurar uma ordem; fosse a ordem de sua decifração, a ordem no interior da qual ele deve ser compreendido ou, ainda, a ordem desejada pela autoridade que o encomendou ou permitiu a sua publicação [...] A ordem dos livros tem também um outro sentido. Manuscritos ou impressos, os livros são objetos cujas formas comandam, se não a imposição de um sentido ao texto que carregam, ao menos os usos de que podem ser investidos e as apropriações às quais são tão suscetíveis (CHARTIER, 1994, p. 8).

Publicada, inicialmente, pela Editora Vozes, a série *Meu Catecismo*, posteriormente, passou, juntamente com os outros livros do padre para a Editora José Olympio e, a partir de 1960, para a Edições RUMO, aberta pelo autor em sociedade com seu sobrinho para divulgação de obras de cunho religioso e literário⁷. Os livros aqui analisados, no entanto, foram diferentes edições publicadas pela José Olympio.

Por serem destinados ao curso primário, esses livros apresentavam uniformidade no formato, no título, no método de exposição das lições e nos conteúdos, encadeados e aprofundados de forma sequenciada. Tinham em vista responder a necessidade de novos textos de catecismo, mais didáticos, mais interessantes, mais voltados para a Psicologia da criança, sem deixar escapar os conceitos mais importantes da doutrina e da fé.

Do ponto de vista material, tratava-se de brochuras com formatos em torno de 12,5 cm por 18,5 cm. O número de páginas variava de acordo com o público alvo. As duas primeiras séries possuíam conteúdo mais sucinto, enquanto os livros da terceira e da quarta série apresentavam maiores desdobramentos das lições, o que resultava em um consequente aumento do número de páginas.

As capas dos livros da série *Meu Catecismo*, publicados pela José Olympio, são todas ilustradas com figuras traçadas, mantendo uma cor de fundo padrão em diferentes edições. O formato da capa permanece o mesmo: uma tarja vermelha no alto e no pé da página, com o nome do autor e o da editora respectivamente; a ilustração, ocupando quase toda a capa reservando um espaço para o título *Meu Catecismo*, abaixo da ilustração, e a série no alto, à esquerda, destacada dentro de um círculo vermelho.

As contracapas dos manuais dessa série, em sua maioria, serviam como espaço de propaganda para os livros da coleção Monsenhor Álvaro Negromonte, com exceção do volume três, que traz essa referência nas orelhas e, na contracapa, faz uma propaganda do *Dicionário da Língua Portuguesa*, de Laudelino Freire. A folha de rosto segue a habitual sequência burocrática de informações: nome da coleção com a indicação do volume; título do livro; a indicação da série; a autoria das ilustrações; a edição, nome da editora, lugar em que se situa e ano de publicação.

Alguns elementos são distintivos na estrutura desses livros. Em todos eles, aparece uma carta do Papa endossando o trabalho do autor, o que, por sua vez, funcionava como selo de legitimidade da obra; há, ainda, uma nota da editora falando sobre o autor, sua trajetória e seu trabalho educacional (nos volumes um e três); uma nota “Aos professores” por parte do autor explicando o seu método e a proposta didática para o uso do texto; uma carta do padre às crianças falando do livro em questão (nos volumes dois e três)⁸. Não há bibliografia em nenhum deles. Mas, algumas indicações de textos bíblicos e missal aparecem como recurso para consulta do aluno sobre determinado assunto.

Todas as lições possuem ilustrações vazadas, permitindo que o aluno possa interagir com ela, colorindo-a ao seu gosto. No volume para o primeiro ano, as ilustrações ocupam uma página inteira e precedem as lições. No segundo e terceiro, elas ocupam quase toda a página, salvo alguns casos em que aparecem em tamanho menor no meio das lições. No quarto volume as ilustrações estão em quadros pequenos, no interior das lições, com legendas ao lado, que algumas vezes aparecem para o aluno completar.

Essa possibilidade que o livro apresenta torna não só o conteúdo mais didático e aprazível ao aluno como, do ponto de vista comercial, incide diretamente na circulação do objeto em dois aspectos: ao desmistificar o velho caráter sagrado que se configurou em torno de sua representação, ele se torna um objeto de desejo pessoal, cada um

quer ter o seu próprio livro de catecismo, rompendo com a tradição de passar de um irmão a outro e garantindo suas vendas no ano seguinte; as ilustrações vazadas, de acordo com Smith Jr (1990), poderiam não ser apenas uma estratégia didática, mas, sobretudo, uma possibilidade de compensação comercial por terem custo reduzido.

De uma forma geral, o “texto novo de catecismo” presente nas alocações do padre Negromonte, deveria ser tão atrativo quanto os das outras disciplinas escolares, acompanhando as inovações que a Psicologia sugeria para o trabalho com as crianças, para maior eficácia do processo ensino-aprendizagem. Segundo Negromonte, “para sermos entendidos das crianças falemos sua língua, reduzamo-nos ao seu vocabulário, embora com a louvável preocupação de aumentá-lo e enriquecê-lo [...]. A mudança de linguagem de um texto novo de catecismo é indubitavelmente preocupação de primeira linha” (1942a, p. 75). O senso de medida, pouco comum na maioria dos catecismos, revela-se uma das preocupações do padre, que procura, através das lições do *Meu Catecismo*, oferecer apenas o que o aluno pode comportar, em lições que vão aumentando as dosagens e se desdobrando de acordo com a série. Essa possibilidade de um programa de catecismo seriado se apresenta como uma das principais vantagens do catecismo escolar.

Preocupado em formar para a vida, as lições apóiam-se no método integral, desenvolvido, claramente, na nota “Aos Professores”, onde o autor retoma algumas sugestões de trabalho aprofundadas na *Pedagogia do Catecismo*. A proposta era fornecer um roteiro temático, em lições, para que os professores pudessem, de forma inventiva, adaptá-los às realidades das suas salas de aula. Nos volumes para o segundo, terceiro e quarto ano, o conteúdo da nota “Aos Professores” é, praticamente, o mesmo, acrescentando um ou dois parágrafos com explicações específicas, como é o caso do livro para o terceiro ano, que o padre indica quais as lições que podem ser suprimidas se não houver tempo de dar todo o conteúdo⁹. No volume para o quarto ano, o autor explica que o livro foi pensado para duas aulas semanais. Na escola em que só houver uma aula semanal, a matéria deverá ser dividida e o livro poderá ser usado, também, no ano seguinte.

Em todas as notas, Negromonte reforçava a importância de seguir o seu método que, segundo ele, era baseado em uma história de onde sai a doutrina, na qual se fundamenta a formação. No volume *Guia do Catequista*, destinado a orientar o trabalho no segundo ano, ao tratar dessa questão, o padre afirma:

sendo a inteligência a faculdade mestra do homem vamos direto à inteligência: a leitura, dando a história e a doutrina, deve ser entendida. Feita a leitura, vem a verificação, através do questionário, em cada lição, apelando-se mais para a Inteligência que para a memória. O que for bem entendido será facilmente conservado. Seguem os exercícios, cuja importância nunca será demasiado encarecida. Por vários motivos: integram a lição, que ficará muito incompleta sem eles; constantemente é neles que se completam os quatro pontos da formação e dão maior prazer às crianças, constituem excelente aprendizagem para a ação católica com seus métodos do “ver, julgar e agir”, pois sou dos que acham a capacidade de julgar o ponto fundamental da educação. Gravíssimo erro seria eliminá-los, sob qualquer pretexto. Pelo contrário: devemos multiplicá-los até. Outras atividades, que o livro não pode dar – álbuns, cartazes, dramatizações, excursões -, serão praticadas com agrado e proveito. As recapitulações, orais ou escritas (em forma de testes, serão muito úteis, algumas vezes ao ano. Cada lição termina com uma pergunta e sua resposta, para o aluno decorar. Deste modo evitamos inconvenientes do sistema e lhe aproveitamos as vantagens. É que perguntas e respostas não devem ser ponto de partida, mas de chegada – quando a doutrina aprendida vai ser conservada numa fórmula completa (NEGROMONTE, 1961, p. 7-8).

As marcas dessa relação de interdependência, que se estabeleceu ao longo dos séculos entre catequização e leitura, aparecem de forma clara nos livros dessa série. De um ponto de vista prático, as lições se organizam de forma que “lição e exercício” acabam, quando não exercendo, auxiliando o processo de alfabetização. Essa articulação também tem uma história. Segundo Hèbrard (2007), a lição e o exercício fazem parte da história das práticas escolares. Assim, a “lição é a ordem do saber que só se exprime quando perfeita. O exercício, ao contrário, é essa autorização que a instituição dá ao aluno, de mostrar suas tentativas, seus esforços, seus fracassos, suas dificuldades. Expor o momento da aprendizagem muito mais que seu resultado: é isso o exercício” (Hèbrard, 2007, p. 4).

A ênfase, nos exercícios, dada pelo autor, insere-se nessa perspectiva de aprendizagem e na formação de *habitus*¹⁰. Para ele,

a finalidade do ensino religioso é criar atitudes e hábitos [...] perfeita escola para a vida, o catecismo deve encaminhar para o cumprimento dos deveres [...] insistiremos nesses pontos de formação sempre e sempre porque são a essência da catequese e porque a constituição de um hábito requer, em geral, não pequenos cuidados (NEGROMONTE, 1960, p.12).

Os exercícios, propostos nas lições, incluem o habitual questionário, a partir do segundo ano, com perguntas abertas. Além disso, é clara a referência para que o professor vá além dos exercícios propostos e utilize dos recursos que a moderna Pedagogia já atestou serem proveitosos, como as dramatizações, a confecção de álbuns, pelos próprios alunos, a ornamentação da sala em conjunto, excursões, jogos, recapitulações e a mesma técnica de leitura usada na aula de Língua Portuguesa, “mesmo porque todo ensino, principalmente no curso primário deve ser entrosado” (NEGROMONTE, 1960, p. 13).

As lições da série *Meu Catecismo* são organizadas em pequenas porções, que se desdobram e se aprofundam ao longo do curso primário, de acordo com a capacidade dos alunos. O método tradicional era descrito por Negromonte como muito dogmático e apresentava a tendência de prescrever, de fora para dentro, o que a criança deveria aprender, sem a preocupação de saber se ela era capaz ou se o programa estabelecido estava de acordo com as suas potencialidades momentâneas e suas aptidões. Em contrapartida, sua proposta pedagógica estabelecia porções de medida para os conteúdos, de forma que o ensino religioso não aborresse o aluno, tornando-se indesejado e pouco compreensível.

Esse encadeamento e organização das lições, reforça o que Lajolo (1996) afirma em relação ao livro didático e confere aos catecismos do padre Álvaro Negromonte maior legitimidade quanto ao seu papel na História da Educação Brasileira. Para Lajolo

o livro didático é instrumento específico e importantíssimo de ensino e de aprendizagem formal [...] Assim, para ser considerado didático, um livro precisa ser estudado de forma sistemática, no ensino-aprendizagem de um determinado objeto do conhecimento humano, geralmente já

consolidado como disciplina escolar. Além disso, o livro didático caracteriza-se ainda por ser passível de uso na situação específica da escola, isto é, de aprendizado coletivo e orientado pelo professor (1996, p. 4).

Os catecismos escolares produzidos por Negromonte eram, na verdade, os livros utilizados nas aulas de ensino religioso. Por essa razão deveriam estar equiparados, pedagogicamente, com as outras disciplinas escolares, gráfica e pedagogicamente. Neste caso, o projeto do seu autor buscava atender o princípio da funcionalidade. A expressão “educação funcional” foi usada por Edouard Claparède¹¹ para

designar a educação que se propõe desenvolver os processos mentais considerando-os, não em si mesmos, e sim quanto à sua significação biológica, ao seu papel, à sua utilidade para a ação presente ou futura, para a vida. A educação funcional é a que toma a necessidade da criança, o seu interesse em atingir um fim, como alavanca da atividade que se deseja despertar nela (CLAPARÈDE, 1954, p.1).

A função da lição seria, a partir do interesse, produzir ações que respondessem a uma necessidade. Com isso, Negromonte se aproximava da Pedagogia Funcional de Claparède. De acordo com este autor, “o interesse é o princípio fundamental da atividade mental [...] Agir, ter uma conduta, é escolher, a cada passo, entre muitíssimas reações possíveis. O móvel dessa escolha contínua é o interesse” (CLAPARÈDE, 1954, p. 61).

Nessa perspectiva, ao tratar da pessoa de Jesus Cristo, tal como o autor faz logo na primeira lição do primeiro volume, criando um enredo entre as lições, deveria não só despertar a curiosidade do aluno como aguçar o seu interesse em saber mais sobre o assunto. Primeiro, Jesus aparece como um menino que, como todos os outros, têm uma história que segue com o seu nascimento, com os convidados que foram lhe prestigiar com presentes, a sua vida em família, o seu crescimento e a sua relação de proximidade com as crianças. Suscitado o interesse, estabelecida a relação de proximidade, a eficácia do processo está no que Claparède chama de “Lei de Adaptação funcional”, que pode ser formulada pelo seguinte corolário: a ação se produz quando é de natureza a satisfazer a necessidade ou o interesse do momento. Dela se extrai a seguinte regra de aplicação prática: para fazer um indivíduo agir, deve-se colocá-lo nas condições

próprias ao aparecimento da necessidade que a ação que se deseja suscitar tem por função satisfazer.

Na mesma perspectiva quando trata da Igreja, da missa e das festas como instituições sagradas, mas também como espaços de sociabilidade, o autor espera criar necessidades que suscitarão um conjunto de ações para satisfazê-las e que resultarão na configuração de um cristão prático.

As lições sobre os Mandamentos, a graça, a oração, os sacramentos estão carregadas de um código comportamental próprio da civilidade cristã. Segundo Chartier (2004, p. 58), “cristã e universal por excelência, a civilidade se diferencia, portanto, na sua execução em tantos comportamentos convenientes a cada estado ou situação”. De maneira que esse conjunto de regras, que se constituem práticas de um determinado grupo, faz parte do processo civilizatório ao qual o homem está submetido. Mas, a civilidade, segundo La Salle, vai além das normas de conveniência social, se estiver embasada no Evangelho. Nesse caso,

ela é uma maneira de render homenagem a Deus: ter uma postura modesta e decente é respeitar sua presença perpétua, ser civil e honesto com outros é prestar honra a ‘membros de Jesus Cristo e a Templos vivos, animados pelo Espírito Santo. A civilidade é, então, ao mesmo tempo, honestidade e piedade e abrange tanto a Glória de Deus e a salvação como a conveniência social (CHARTIER, 2004, p. 64).

O Tratado de civilidade de La Salle, citado reiteradamente por Elias no volume um do Processo Civilizador (1990), cristianiza os fundamentos da civilidade e faz circular, a um público infantil, “normas de condutas coercitivas e exigentes na intenção de frear os impulsos sensuais e afetivos” (CHARTIER, 2004, p. 67).

A estratégia estaria em criar, no aluno, o interesse por esses preceitos, tornando sua aprendizagem uma necessidade. Nesse ponto, poderia se perguntar: como criar essa necessidade na escola? Ao que Claparède responde: “A solução desse problema parece desesperadora. Não o é, entretanto, para quem leve em conta os ensinamentos da psicologia da criança. Esse saberá que o jogo, o brinquedo, é uma das principais necessidades da criança” (1954, p. 157). Não por acaso, foi esse o caminho que Negromonte elegeu em seu projeto pedagógico. Os professores deveriam atrair os alunos, despertando-lhes a curiosidade, estimulando-os a

participarem da aula, através de jogos e brincadeiras pautados na temática em questão. Com isso, eles iriam incorporando, por uma necessidade que lhes é inerente - a brincadeira - inúmeros hábitos e normas de conduta que passariam a reger a sua vida cotidiana, transformando-os em verdadeiros cristãos, pela fé e pelas práticas. Ao tratar dessa questão em sua Pedagogia do Catecismo, o padre ensinava:

Chego a uma classe de criancinhas todas desatentas. A catequista ensina quantas naturezas há em Jesus Cristo e se esforça com as mãos para manter os pequeninos voltados para ela, a fim de ouvi-la. E não consegue nada. Eu tiro do bolso meia dúzia de santinhos e os espalho no banco. A criançada rodeia. Chovem comentários. Fazem-se perguntas inocentíssimas, deliciosíssimas. Respondo e faço outras [...] Deixa eu ver [...] e estendem as mãozinhas ávidas, os olhos rutilantes, fonte contraída, suspensa a respiração (NEGROMONTE, 1940, p. 149-150).

O que parecia ser uma preocupação apenas de ordem metodológica, acabou se tornando a base de uma proposta pedagógica para as aulas de ensino religioso, fazendo com que os saberes elementares sobre a doutrina da Igreja, que consistem no conteúdo básico desses manuais, associado às questões do seu cotidiano, permitissem ao aluno estabelecer as articulações necessárias entre fé e vida, através de um conjunto de práticas que reforçam a civilidade cristã.

Considerações Finais

A mudança de cunho didático no conteúdo e a mudança editorial empreendida pelo Monsenhor Álvaro Negromonte em seus textos de catecismo foram elementos essenciais para a renovação do ensino religioso e a Pedagogia católica na sociedade brasileira entre as décadas de 30 e 60 do século XX. De fato, o catecismo auxiliou na recristianização da nação no que tange à disputa externa pelo campo religioso, mas do ponto de vista interno, a qualidade dos novos cristãos era fruto de um projeto de cristianização mais eficiente e duradouro.

A publicação de novos livros de catecismos, em um novo suporte material e textual, tinha um significado mais amplo para a Igreja, que ia além da esfera pedagógica e recaía no âmbito político. Publicar é tornar algo público. É fazer conforme assinala Bourdieu “passar do oficioso ao oficial. A publicação é a ruptura de

uma censura” (2001, p. 244). Publicar novos textos de catecismos era uma demonstração pública do diálogo católico com os novos tempos que vinha tentando ser silenciado pelo grupo de liberais republicanos, ao fazerem frente ao catolicismo. Significava romper com a censura republicana e imprimir as marcas da Igreja na História.

Dessa forma, a cultura católica foi se fazendo presente na educação ao mesmo tempo em que, ao se apropriar das contribuições das ciências educacionais modernas, reconfigurou muitas das suas práticas educativas. Essa renovação da Pedagogia Católica permite pensar em outros enfoques e contornos que configuraram a educação brasileira na primeira metade de século XX, imprimindo marcas, ainda sombreadas na historiografia educacional do Brasil.

Referências Bibliográficas

BEOZZO, José Oscar. A Igreja entre a Revolução de 1930, o Estado Novo e a Redemocratização. In: FAUSTO, Boris. *História da Civilização Brasileira: O Brasil Republicano: Economia e cultura – 1930 – 1964*. Tomo II, v. 4º. São Paulo: Difel, 1984.

BOLLIN, Antônio; GASPARINI, Francesco. *A catequese na vida da Igreja: notas de história*. São Paulo: Paulinas, 1998.

CALVO, Ricardo Pereira. *Crescimento permanente e progressivo na fé: uma contribuição ao estudo histórico-pastoral sobre a catequese no Brasil a partir da obra de Monsenhor Álvaro Negromonte*. Roma: Pontifícia Universidade São Tomás de Aquino, 1986. (Tese de Doutorado).

CÂMARA, Hélder (padre). “Um mestre brasileiro de Pedagogia do catecismo”. In: *Revista Eclesiástica Brasileira*. Petrópolis, vol.1, fasc. 3, setembro, 1941. p. 395-409.

CARVALHO, Marta Maria Chagas de. “Uso do Impresso nas Estratégias Católicas de Conformação do campo doutrinário da Pedagogia (1931-1935)”. In: *Cadernos Anped*, n. 7, 1994. p. 41-60.

CHARTIER, Roger. *A ordem dos livros: leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII*. Brasília: Editora UNB, 1994.

_____. *Leituras e Leitores na França do Antigo Regime*. Tradução Álvaro Lorencini. São Paulo: editora UNESP, 2004.

CLAPARÈDE, Edouard. *A Educação Funcional*. Trad. E Notas de Damasco Penna. 4ª ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1954. (Coleção Atualidades Pedagógicas).

CURY, Carlos Roberto Jamil. *Ideologia e educação brasileira: católicos e liberais*. 3ª ed., São Paulo: Cortez; Autores Associados, 1986.

DARNTON, Robert. *O Beijo de Lamourette: mídia, cultura e revolução*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

ELIAS, Norbert. *O Processo Civilizador: uma história dos costumes*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1990.

HÉBRARD, Jean. “A lição e o exercício: algumas reflexões sobre a história das práticas escolares de leitura e escrita”. In: *Revista do Centro de Educação*. Vol. 32, n. 1, 2007. p. 1-5.

HORTA, José Silvério Baía. *O hino, o sermão e a ordem do dia: regime autoritário e a educação no Brasil (1930-1945)*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1994.

LAJOLO, Marisa. “Livro Didático: um (quase) manual de usuário”. In: *Revista Em Aberto*, nº 68, ano 16, 1996, p. 3-7.

MAGALDI, Ana Maria Bandeira de Melo. *Lições de casa: discursos pedagógicos destinados a família no Brasil*. Belo Horizonte: Argumentvm, 2007.

MUNAKATA, Kazumi. *Produzindo livros didáticos e paradidáticos*. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica, 1997. (Tese de Doutorado).

ORLANDO, Evelyn de Almeida. *Por uma civilização cristã: a coleção Álvaro Negromonte e a pedagogia do catecismo*. São Cristóvão/SE: Universidade federal de Sergipe, 2008 (Dissertação de Mestrado)

NEGROMONTE, Álvaro (Pe.) *A Pedagogia do Catecismo*. 2ª edição. Rio de Janeiro: Vozes, 1940.

_____. “Um texto novo de catecismo”. *Revista Eclesiástica Brasileira*,

Petrópolis/RJ: Editora Vozes, 1942a, vol. 2, fasc. 1, p. 72-82

_____. *Guia do catequista para o Meu Catecismo 1º e 2º ano*. Rio de Janeiro, Ed. José Olympio, 1961.

SILVA, Antônio Francisco da. *Álvaro Negromonte: modernidade, religião e educação: uma tentativa de aproximação do privado com o público na educação*. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica, 2005. (Tese de Doutorado).

SMITH Jr. Datus C. *Guia para editoração de livros*. Recife: Editora Universitária da UFPE; Florianópolis: Editora da Universidade Federal de Santa Catarina, 1990.

Fontes Documentais

ANAIS DO PRIMEIRO CONGRESSO CATÓLICO DE EDUCAÇÃO (1935). Rio de Janeiro: Confederação Católica Brasileira de Educação.

Encíclica Divini Illius Magistri: Carta Encíclica de Sua Santidade o Papa XI sobre a educação cristã da juventude em 31 de dezembro de 1929. São Paulo: Edições Paulinas, 1965.

CÂMARA, Jaime D.; FREYRE, Gilberto. In: *Revista Eclesiástica Brasileira*. Petrópolis/RJ: Editora Vozes, 1964, vol. 24, fasc.3. (Depoimentos contracapa)

CERTIDÃO DA ESCRITURA DE EDIÇÕES RUMO S.A. In: *Diário Oficial da União*. 29 de março de 1960. Seção 1, parte 1, p. 5751, 5752.

NEGROMONTE, Álvaro (Pe.) *Meu Catecismo: 2º ano primário*. Petrópolis/RJ: Editora Vozes, 1942

_____. *Meu Catecismo: 3º Ano Primário*. 15ª ed. Rio de Janeiro: Ed. José Olympio, 1957.

_____. *Meu Catecismo: 4º Ano Primário*. 17ª ed. Rio de Janeiro: Ed. José Olympio, 1959.

_____. *Meu Catecismo: 1º Ano Primário*. 11ª ed. Rio de Janeiro: Ed. José Olympio, 1960.

Notas

- 1 O Monsenhor Álvaro Negromonte, foi um intelectual da educação católica que atuou, principalmente, nos Estados de Minas Gerais e no Rio de Janeiro, implementando, a partir de Minas, um projeto pedagógico que alcançou circulação nacional e lhe conferiu o título de um dos maiores educadores católicos do Brasil, como atestam D. Jaime Câmara e Gilberto Freyre (1964).
- 2 Sobre a coleção, ver Orlando (1998).
- 3 Sobre a posição dos católicos face ao regime republicano e os desdobramentos da questão laicista na educação brasileira a partir dos anos de 1930, ver Jamil Cury (1978), Horta (1994), Beozzo (1984).
- 4 Alguns países como Itália, Alemanha e Áustria adotaram em diferentes momentos, textos únicos de catecismo que refletiam mais a idéia de identidade sócio-cultural do que a unificação das práticas educativas da Igreja. O próprio Catecismo da Doutrina Cristã, apesar de ter sido difundido em muitos países, só foi instituído, na prática, como texto oficial na Itália. Sobre esse movimento catequístico no âmbito internacional, ver Bollin & Gasparin (1998).
- 5 Tais ações não se constituem objeto de análise deste artigo, mas podem ser encontradas nos trabalhos de Orlando (2008), Calvo (1986) e Silva (2005)
- 6 Essa expressividade pode ser vista nas teses do Congresso Catequístico Brasileiro, realizado em 1928, em Belo Horizonte e nas teses apresentadas no I e no II Congresso Católico de Educação, realizados pela Confederação Católica Brasileira de Educação (CCBE), em 1934 e 1937, nas cidades do Rio de Janeiro e Belo Horizonte, respectivamente. Só o I Congresso de Educação católica publicou Anais com as teses apresentadas. No entanto, as teses apresentadas nos outros dois congressos foram largamente difundidas na imprensa periódica católica do Estado de Minas, sobretudo, nos jornais *O Horizonte* e *O Diário*.
- 7 Ver Certidão de Escritura publicada no Diário Oficial da União (1960)
- 8 Essa carta, que muda a cada série, tendo em vista o público para o qual se dirige, aparece como um dos elementos pré-textuais dos livros da série *Meu Catecismo* e confere uma singularidade à obra, por estabelecer uma relação pessoal entre o autor, o objeto impresso e o leitor. Por ser endereçada a cada público específico, o fato de alguns dos manuais analisados não a conterem revela que as reimpressões não são uniformes, mesmo se tratando de uma coleção publicada pela mesma casa editorial.
- 9 “Quando não for possível dar as 31 lições durante o ano, suprimam-se, digo com pena: foi tudo tão planejado!) as seguintes: O homem, Promessa do Salvador, Vida Oculta, Vida pública, A missa e os cristãos, As festas da Igreja, Perdão dos pecados, Para a boa confissão, Os Sacramentos, A comunhão, Respeito à Igreja, Os Mandamentos” (NEGROMONTE, 1957. p. 10)
- 10 A prática de leitura, para o autor, também se constitui em um exercício. Mesmo quando a professora lê a lição, ou apresenta a lição, os alunos devem estar ouvindo, atentos, concentrados, o que ele defende também como processo ativo de aprendizagem.
- 11 Segundo Claparède, foi na América que surgiu a Psicologia funcional, com William James, sendo nada mais do que a “aplicação à Psicologia, por um lado, do ponto de vista biológico, e, por outro, do ponto de vista pragmatista, segundo o qual, antes de mais nada é a ação que importa: não vivemos para pensar, pensamos para viver”. No entanto, para Claparède, James não expõe de maneira muito explícita os princípios da educação funcional, tendo sido John Dewey quem realizou essa parte do programa. A concepção da educação funcional está presente portanto, segundo o próprio Claparède, em toda a obra pedagógica de John Dewey (CLAPARÈDE, 1954).

Sobre a autora:

Evelyn de Almeida Orlando: Mestre em Educação pela Universidade Federal de Sergipe; Doutoranda da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Membro do Núcleo de Estudos e Pesquisas em História da Educação (NEPHE) da UERJ.